



O Gaiato

24 DE AGOSTO DE 1968

ANO XXV — N.º 638 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZANA
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



A CRIANÇA DA RUA TEM SEDE DE JUSTIÇA E DE AMOR.

ACUSO

As histórias são muitas.

O Joãozinho tem agora 8 anos. Veio para nós entre os 3 e os 4. Ao tempo, a mãe curava-se numa Casa de Regeneração, onde entrou nove vezes e safou outras tantas — ignora-se, ao certo, se regenerada.

Profundamente observada, foi reconhecida uma «débil mental, instável». E, na verdade, posto o seu ar cordato, mesmo delicado, nem física nem mentalmente aparenta a idade que tem.

Vive agora nos arredores de Lisboa, numa encosta de miséria, tendo por endereço de correio a taberna-mercearia do pequeno burgo de tábuas e latas, a escorrer imundície. Diz que vai casar. Quer levar o pequeno a passar férias naquela «estância». E como nós não consentimos, quer levá-lo mesmo, de vez.

Tentámos dissuadir. Explicámos o choque que seria para a criança o regresso àquele meio que ele não chegou a conhecer, graças à pouca idade com que veio para a nossa Casa. Acrescentámos a inconveniência que seria a presença do pequeno no novo Lar (dado que na verdade ela vá casar...), porquanto é história rressabida o que são padrastratos... Julgámos atingir o ponto da convicção e logo surgiam lágrimas sem equilíbrio e lamentações desencontradas, a documentarem a diagnosticada instabilidade daquela mulher e a falta de senso daquele afecto.

Pusemos o caso a quem por profissão cura dos menores. Pedimos nos defendesse o pequeno dos naturais direitos do sangue, de modo a podermos rehavê-lo, se a mãe viesse por ele

e, sem nosso conhecimento, o levasse. Instruímos o processo com o relato das nossas observações, colhidas pessoalmente em tarde estival, entre moscas, fétido odor, praguedo e curiosidade dos cidadãos locais; mais completo relato da Casa de Regeneração de Mulheres onde ela entrara e saíra nove vezes.

A carta foi e demorou por lá uns meses. A idoneidade das Entidades actuantes, oficialmente

Cont. na SEGUNDA página

LOURENÇO
MARQUES

É tempo de poder anunciar aos nossos leitores de Moçambique que vamos pôr mãos à construção da nossa Aldeia. Demoras involuntárias fizeram adiar os nossos planos, o que, aliás, trouxe um benefício de ordem geral para o melhor escalonamento dos trabalhos, uma antecipação no aproveitamento agrícola onde estão traçadas as linhas duma exploração rentável, e ainda o lançamento definitivo dos acessos à Aldeia.

Temos, pois, as bases firmemente lançadas. As ajudas mais volumosas de cinquenta contos do Governo Geral e de setenta da Assistência, em boa hora recebidas, esvaíram-se das nossas mãos na despesa paga em dinheiro que, já ronda os oitocentos contos. Mas não interessa olhar para trás que quem lança mão ao arado por amor não olha para o que já lavrou na ansia de lavrar mais e melhor.

Chegamos portanto a este momento de mãos vazias, mas com o coração cheio. Gratidão a Deus que não desampara os

Cont. na TERCEIRA página

Por
PADRE
BAPTISTA

Calvário

A miséria vence, e é difícil arrancar dela quem nela caíu.

É na serra, entre pinheiros. O lugar é ermo. Casita pequena, de dois pisos, aloja no superior família de sete membros e no inferior, térreo, sem janelas nem comodidade alguma, casal de velhos paralticos, cada qual em seu leito. Tudo esterco — chão, paredes, camas e rostos dos pobres enfermos.

— Os senhores querem vir comigo?

— A gente está aqui bem!

Arrepiei-me todo com o menear daquelas cabeças branqueadas. É impossível que seres humanos gostem deste esconderijo. Mas os meus ouvidos recolhem espantados tal afirmação: — A gente está aqui bem. Procuo conhecer melhor o como e de que vivem. Anda neta de tenra idade a pedir pelas portas e à noite entrega o saco com a quete. Sobre uma miséria sobrevem outra. São também parasitas. E a sociedade alimenta gostosamente os seus parasitas. Normalmente vamos tarde demais ao encontro dos Pobres. Somos também nós uns vencidos pela miséria. Ela é mais forte do que nós.

Insisti, mas em vão. Sentindo remorsos torno ali vezes sem conta para os convencer. Mas sou sempre vencido: — A gente está aqui bem!

Não se lhes mostrou em novos que a dignidade humana exige outro modo de viver. Agora já é tarde. Nem nos entendem.

A dois passos, em barraca apodrecida, dormem oito filhos com pai tuberculoso mais a mãe alcoólica. Duas camas, uma arca de pinho, e um lar de granito para fazerem o caldo — é tudo quanto encerra o abrigo onde se recolhem dez seres humanos. Nem mais!

Não me admirei nada quando a filha mais velha apareceu grávida à mãe. Esta expulsa-a de casa. E aquela vai refugiar-se não longe, num aido de sufno. Duas tábuas, um colchão, uma panela e dois cascos — o tudo para viverem. A rapariga tem 18 anos, o rapaz 21. A vida militar vai separá-los dentro de semanas. Mas ela não pode descer mais fundo na miséria. Recaiem em si e arregalam os olhos de contentes quando lhes falo numa casita para viverem nobremente, sobretudo quando ele partir. Ambos sorriem. Custa-me a renda mensal. Mas vale a pena. Aqui a miséria foi derrotada. Fomos a tempo.



A nossa Casa de Coimbra está a ser feita de muito suor e amor. Há-de ficar bem marcada pela renúncia voluntária e bem sacrificada. Os próprios rapazes que têm o seu trabalho fora procuram não demorar para ainda darem a mão às obras. Fazem-no com alegria. Todos os estudantes andam nas obras. Temos de aproveitar bem as férias, para a grande estrutura da casa. Em muitos dias deste verão

quente a noite nos tem encontrado a trabalhar.

É um gosto vê-la subir. É um gosto ver este formigueiro humano cheio de boa vontade a construir o seu ninho. As pessoas que nos têm visitado não o querem acreditar naquilo que vêem. Valeria bem a pena que os habitantes de Coimbra que já nos conhecem e amam nos viessem conhecer melhor para amar mais.

Mas não têm estado presentes só os actuais habitantes do Lar. Muitos que ali se fizeram homens e se prepararam para a vida começaram a marcar presença: Uma carta a oferecer as suas férias. Outra — «Tenho seguido as obras do nosso Lar. Ora eu também queria ajudar, mas não podendo ser doutra maneira por causa da doença da minha mulher, estou

Cont. na 4.ª página



SETUBAL

O valor da experiência das Casas do Gaiato na educação de rapazes está muito longe de ter a sua divulgação na prática, sobretudo em instituições do género da nossa.

A nossa própria experiência não está feita e nunca estará definitivamente acabada. «Não há métodos, há a intuição». A intuição é filha do amor. Quanto mais se ama, mais profunda é a intuição. O caminho da intuição aliado ao conhecimento do rapaz e da sua psicologia própria, levou Pai Américo a fazer descobrir ao rapaz o valor pessoal do seu próprio trabalho. «Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão com o suor do seu rosto». O trabalho é ainda a extinção lenta e sábia dos seus próprios vícios.

O trabalho dos rapazes é também a grande fonte de receita das Casas do Gaiato, mais a sua independência.

Rapaz que não trabalhe é rapaz perdido. Instituição onde

os rapazes não trabalhem é lugar de corrupção dos seus próprios assistidos. Isto não é ciência; é da experiência evidente a qualquer mortal.

Há muito tempo que se vem avolumando em mim uma dor por ver magotes de rapazes fardados vagueando à deriva durante o ano inteiro ou jogando à bola manhãs seguidas ou encostados durante a tarde às paredes da Escola Industrial espreitando por entre as grades as raparigas no seu recreio.

A gente pasma! A gente pergunta: Mas que fazem estes rapazes? Não estudam? Não trabalham? Então?

«É muito difícil implantar no mundo uma coisa nova! As situações criadas pesam muito! A rotina tem muita força».

E a farda! E o número! São as botas! É o nome da «Grande Obra Social!» E é aquilo que toda a gente tem medo de dizer, embora o sinta. É a corrupção do próprio rapaz. Eles são as vítimas.

Depois vem o povo com as suas invenções. A voz do povo é terrível e inventa! Eu não quero acreditar no que praí se diz, mas faz-me doer a alma!

«A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila

e são». O inverso, neste caso, também é verdadeiro. Por isso, às tantas da noite, sem qualquer vigilância, os grupos das mesmas vítimas — crianças, adolescentes e jovens — continuam a vaguear pelas ruas afligindo a consciência dos homens de boa vontade que sente não ser acertada uma tal liberdade! O seu porte na rua a altas horas evidencia o desacerto de tal vida!

Que alguém tome providências! Que se mergulhe na vida do rapaz! Que se ame o rapaz e se veja nele o homem de amanhã. Que a consciência trabalhe e não nos andemos a incensar uns aos outros com grandes adjectivos qualificativos; ou a abrihantar procições ou paradas. O valor de um rapaz é maior que o do mundo inteiro!

Há dias uma mulher aflita vinha pedir-me pró seu filho! Eu disse que o caso não era dos nossos e cobardemente para me libertar dela indiquei-lhe a instituição a que me refiro. A mãe atalhou imediatamente: — De lá fui eu tirá-lo.

Sim, ou se criam condições e consciência! Ou é mais útil à humanidade que tais instituições desapareçam.

Padre Acílio

A resposta não tardou!

Foi quase na volta do correio! Telefonaram mais que uma vez de F. Ramada!, disseram, mal chegámos da nossa Colónia de Férias em Azurara. Na Tipografia não adiantaram mais. Mas ficámos logo radiantes. É por mor do Dexion, com certeza. E era!

Tentámos levantar o auscultador. E chamar de cá, para melhor colher o recado, um pouco confuso entre a malta da Tipografia. Não houve tempo! O telefone tocou. Troncas informa que é de Ovar. Então, surge a voz da Telefonista de F. Ramada! O sr. X precisa de deslocar-se a vossa Casa. E de marcar entrevista convosco. Se não fôr possível sábado, irá na próxima segunda.

Confirmámos a previsão. Não falámos prós peixinhos...! Era pelo Dexion.

O senhor apareceu na terça. Alto, delicado. Agente técnico de engenharia e colaborador da Empresa. Entrou já na porta da Tipografia, em companhia do nosso Padre Abraão. Cumprimentámo-nos. Conversámos. E viemos a saber como foi tudo. Um Administrador da Firma leu e interessou-se pela notícia. Ainda os pássaros, na qual focámos a necessidade de prate-

leiras pró nosso armazém de papel. Ora o referido Administrador, leitor assíduo que palpita connosco, recortou a notícia do Famoso. E deu parte aos restantes. O seu delegado trouxe, mesmo, o recorte com sublinhados! Apreciámos o gesto. A prontidão. A delicadeza. A generosidade. E tudo com muita simplicidade.

Fomos os três ao armazém. O agente técnico viu tudo. Inclusivé a forçada desordem, que ora por lá existe. Pela sua experiência, aconselhou. Planeou. Tirou medidas. E fez «croquis». As tantas, para o conjunto ficar melhor, mais airoso, lembrámos duas mesas. Uma para cada sala. Estávamos com receio de abrir a boca, por indecência. Mas não. O à vontade era tanto que, diz o povo, não nos trigámos. E tomou nota das mesas. E das medidas. Com um sorriso nos lábios. Foi uma tarde muita cheia!

A bomba estourou na Tipografia! Gerou alegria. Muita alegria. Só é pena Matateu não estar, pra gozar as delícias do benefício que não tarda. Já seguiu prá nossa oficina de Setúbal! Mas que ele se alegre, também, e muito particularmente. Vamos colher os frutos do seu aviário, da sua passarada.

Olha, Matateu: ontem, veio cá Sr. Padre Duarte, de Fontelo de S. Domingos. Mais um grupo de Servitas do Seminário de Lamego. Ficaram admiradas, exclama Avelino, com os pássaros a pousar nos ombros, e as janelas abertas!

Anda, Matateu; solta daí, connosco, um viva à simpática Administração de F. Ramada. E às prateleiras e mesas Dexion. Viva!

Júlio Mendes

ACUSO

Cont. da PRIMEIRA página

te reconhecidas e geralmente respeitadas, não valeu; antes, sim, o testemunho da própria, a respeito de si mesma, dado no Posto, aonde dois agentes da Autoridade, não a tendo encontrado na mercearia-taberna que lhe serve de morada, a convocaram (segundo ela própria me contou) — investigação esta fundamento da resposta oficial que me chegava dias após, de que se não podiam tomar medidas que pedíramos em defesa do Joãozinho, em virtude de se não averiguar mau comportamento da mãe.

Que bom arrumar processos nos arquivos, com a facilidade com que nós jogamos papeis da secretária ao cesto respectivo!

Do que nós necessitamos

Um cheque de 5000\$00, dum senhor Engenheiro de Lisboa, acompanhado destas linhas:

«Dou muitas graças a Deus por ter possibilidade de vos enviar o cheque junto.

Peço o favor de uma breve oração».

Fique certo, Amigo, quatro vezes ao dia lembramos os nossos benfeitores.

Mais 100\$00 do Porto. Ainda 50\$ e 100\$ duma alentejana, e mais 100\$, e 20\$, e 50\$ e 500\$ e 300\$ de Portuense Maria. E 500\$ e + 500\$, todos do Porto. E os 75\$ em selos de correio, de todos os meses, vindos da Amadora. 200\$ da Beira. Visitantes da Firma Salvador Caetano, com 100\$. Dos Concessionários Ford, no Porto, 32\$00.

Presente a Capital, com donativos de 100\$, 170\$, 20\$, 50\$, 500\$ e 100\$ e livros escolares. Mais 40\$ do Sr. Manuel da R. da Corticeira. De Mogadouro, um cheque de 10 contos, pedin-

do orações. Mais 100\$ dum anónimo. E 500\$ da Invicta. M. A. E. com 50\$. «Uma mãe do Porto» enviou uma bonita casaca de comunhão e seus adornos. Vestuário de Cerveira. 100\$ de Estremoz. Da Alfaiataria Infantil, a lembrança de todos os anos e sempre na passagem de aniversário. Desta vez vieram casacos, camisas, camisolas, gravatas, calções, bonés e suspensórios. O Senhor vos pague.

Da Empresa Industrial Sampedro, Lda. de Lordelo-Guimarães, 500\$, saldo do 7.º passeio anual do Pessoal da Empresa e algumas peças de pano para lençóis. Mais 111\$30 do mesmo Pessoal, pedindo orações em sufrágio de um falecido Gerente daquela Empresa. Bem hajam. Do Porto este cartão e 20\$:

«Em Acção de Graças obtidas, envio esta pequena «migalha» para o vosso pão de cada dia...»

Amadora com 50\$. Mais 100\$ do ass. 27886. Espinho com 500\$, pelo bom sucesso no exame do 5.º ano. 50\$ por alma de António Gregório. Anónima com 50\$. Ass. 18699 com 20\$. Professora de Guimarães com 50\$. Mais um cheque de 438\$20, dum Engenheiro Amigo. E o sobrevivente do casal R. D., de

Viseu, com 100\$ referentes aos meses de Maio e Junho. Assinante de Rio Tinto, com os 100\$ de todos os meses. Mais 40\$ de Gaia, com a designação «Obra de Deus — para os Pobres». E aquele cartãozinho tão bonito e tão simples, que há muito não aparecia a acompanhar qualquer dádiva. Desta vez vieram 500\$ «Por alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava».

De M. C. A. G., residente na Beira — Moçambique, para ajudar a Casa do Gaiato mais necessitada e em cumprimento duma promessa, 5.000\$00. De certo que serão para a Casa de Lourenço Marques. E 50\$ de «Os Amigos de S. Brás». Livros de Braga. 50\$ do Porto. 140\$, provenientes de uma subscrição feita entre um pequeno grupo de Amigos, todos funcionários da Escola Industrial de Gouveia. Por intermédio de «O Comércio do Porto», 321\$40, total de donativos entregues naquele diário. De uma professora primária de Famalicão, 100\$. Mais 500\$ do Porto. Outro tanto pró Barredo. Celeste com 70\$. «De alguém que vos ama e pede uma oração», 70\$.

Roupas e calçado de «Uma Mãe Alentejana». Mais delas de Guimarães e Lisboa. Calções

de banho da Figueira da Foz. E 400\$ dum assinante, metade dum prémio de lotaria que lhe havia saído. 150\$ do Bairro da Pasteleira. 300\$ de promessas. 50\$ de Coimbra. Mais 500\$ e 100\$ e 200\$, ainda de promessas; 100\$ duma assinante transmontana. Uma avó com 50\$00. De Lisboa, 250\$. Uma migalhinha de 20\$. «Uma universitária portuense» com 100\$. E já que falamos em universitária, acusamos a importância de 15.044\$20 da Comissão da Queima das Fitas deste ano. Um bravo aos Universitários portuenses, que não nos esquecem!

Finalizo com este cartão que, de longe a longe, nos aparece. Este veio com um vale de 1500\$:

«De cada sucesso, um lance é sempre vosso!

Família F. A. M. A.»

Como deve sentir-se feliz esta Família?!

O Senhor vos pague e permita muitos e bons sucessos.

Manuel Pinto



FUNDAÇÃO DE DADOS PARA RAPAZES PELOS RAPAZES

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

seus filhos e esperança cega em quem nos tem ajudado, porque a caridade não faz contas nem tem limites. São estes os nossos sentimentos.

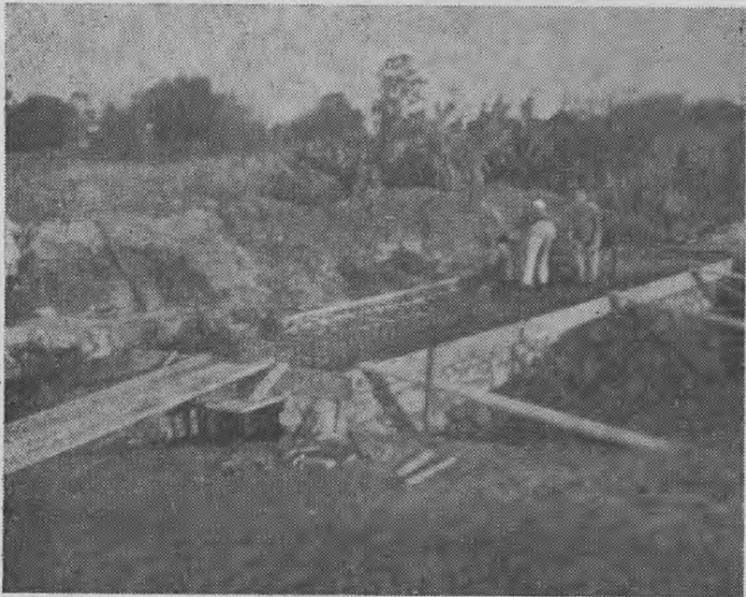
Entrou hoje mais um rapaz. Veio de Lourenço Marques. O pai morreu e a mãe deixou-o. Dormia no vão duma escada sob o tampo duma mala até que um vicentino o descobriu. Esperamos mais dois do mesmo lado, mais dois do norte, vítimas do terrorismo. Chegaram-nos também dois da Metrópole. Um, o Jaimito, é meu desde os

três anos. O outro é um cireneu.

O Xico cumpriu o serviço militar no norte de Moçambique onde tirou a carta de pesados. Depois duma preparação, na Metrópole, em ordem ao seu lugar nesta Casa, não será o simples motorista do nosso camião, mas um irmão mais velho e elemento activo no resolver as nossas preocupações.

Estas são as pedras vivas que constroem a Obra que o vosso muito amor e interesse pela sorte dos abandonados faz levantar nas areias do Infulene.

Padre José Maria



Construção do tabuleiro da ponte sobre o Infulene.

Estavamos trabalhando à mesa do escritório, pensando e procurando resolver os mais diversos problemas da Casa. Entretanto, retinieo o telefone. Alguém nos procurava, em ordem a marcar dia e hora para resolver assunto de legado. Pela mesma via ficou tudo prontamente resolvido: «nós não recebemos heranças; se nos querem dar algo em vida aceitamos o pouco ou o muito, ao contrário não». O interlocutor, que já devia ter qualquer lamiré, se não compreendeu a resposta, achou-a natural e desligou.

Nos escassos cinco anos de padre da rua são já sem conto as circunstâncias análogas, envolvendo por vezes somas astronómicas, de muitos milhares de contos. Não somos, como disse Pai Américo, administradores de bens, nem nos metemos em negócios testamentários ou tão pouco induzimos quem quer seja a contemplar a Obra nas suas disposições finais. As vezes, porém, há quem duvide do que dizemos e chega a pôr-se em contacto com Paço de Sousa para ouvir a mesma solução. É injuriosa, pois, a insinuação que se ouve aqui e além, às vezes da parte de homens não pouco responsáveis, dentro e fora das estruturas da Igreja, de que Pai Américo seria um «habildoso» em angariar fundos e que teria tudo o que precisava e queria, tendo feito escola.

Quem fala nos termos expostos está enganado redondamente. Nós acreditamos no Evangelho e na eficácia da Sua doutrina. Os lírios do campo e as avesinhas do céu não são meras figuras de retórica na boca do Mestre. No entanto, as mãos dos Rapazes, em qualquer das nossas Casas, mostram bem qual a via normal de angariar o sustento. As obras que se ergueram no passado e se levantam no presente supõem muitos litros de suor e muitos calos. Nas oficinas mais dispare e nas diversas actividades multiplicam-se os trabalhos. No campo, então, o ciclo das tarefas da produção e transformação ao consumo, é quase totalmente fechado, o que levou um Amigo francês a dizer, relativamente aos cereais tornados em pão, estar aí um exemplo claro e expressivo do «comer o pão amassado com o suor do rosto».

Não há, pois, habilidades ou processos para extorquir, passe o termo, o que cá nos vem parar. Se denunciarmos a injustiça dos



QUADROS DA NOSSA VIDA

Toca o sino. O trabalho começa. Aqui e além vêm-se os rapazes seguindo para as suas ocupações. Uns para os dormitórios, outros para as oficinas. Poucos minutos depois, já se ouve o ruído das máquinas trabalhando, dirigidas pelos nossos.

Na Serralharia, Mourato e seus pupilos trabalham com afinco. Trabalhos de casa ou de fora, por pouco tempo ficam em suas mãos; na Carpintaria — portas, janelas, mesinhas de cabeceira, etc., são feitas com habilidade e muito trabalho. À medida que o tempo decorre o seu aperfeiçoamento melhora; nas restantes oficinas, o trabalho torna a vida alegre e pacífica.

Nos dormitórios, de vassoura, balde e pano, os rapazes cumprem com primor as suas primeiras obrigações. Depois, novo serviço os espera.

— Trabalhando e cantarolando, os rapazes do aviário entregam-se com ardor à sua tarefa. Depois de feita a distribuição da ração, eles pegam em sacos e vão apanhar verdura.

— Toca o sino. É a hora da merenda. Os mais pequenos são os primeiros. Depois de comida em ambiente alegre, eles retomam os seus lugares. O trabalho recomeça.

«BONITA SERÁS ENQUANTO CRESCERES E PARA ALIMENTO SERVIRÁS» — frase bela que tudo diz sobre os nossos batatais. Que linda paisagem a que se avista! É uma delícia olhá-la. Mas, para que sua beleza surgisse, muitos corpos se vergaram. Desde o revolver da terra até à sua colheita, muitos homens se cansaram, suaram, para ganhar o seu pão de cada dia.

Fizeram-se as primeiras colheitas. Seguem-se outras em maior quantidade para venda. Pequenas quantias entrarão para pagar despesas por nós feitas.

Mas não chegam. O Senhor ajudar-nos-á com Sua mão benfeitora.

x x x

OBRAS — Lentamente, mas com segurança, elas continuam. Novas paredes se levantam. Com carrinhos de mão, os nossos rapazes levam a massa para onde se levantarão novas paredes. É para o armazém — diz-me um. E lá andam eles contentes com o seu trabalho.

As Escolas esperam a sua vez. Dentro em breve, novos muros aparecerão.

Entretanto, mãos amigas de todos os lados vão surgindo, e os donativos em boa hora vão chegando: 250\$00 das Festas do Bairro de S. João; uma carta de Luanda com 50\$00; 100\$00, do

Enquanto as oficinas esperam pela continuação das obras, procedemos à demolição da cobertura do ex-casal agrícola, a adaptar a casa-mãe da futura Aldeia. Queremos chegar ao período das chuvas com o telhado no seu lugar, assente sobre estruturas de cimento e ferro, pois o estado das madeiras e uma visão económica e de futuro não se compadecem com outra solução. Os Rapazes têm dado o melhor das suas energias, mas as centenas de milhares de escudos, que não temos, só poderão vir de quem nos ama e quer. Sem orçamentos ou contas, continuamos a aventura de tentarmos criar as condições apropriadas para os nossos Rapazes. Teremos de subir e descer escadas, trepar aos andaimes e delas saltar mas, ao fim e ao cabo, Deus não nos faltará. Acreditamos.

Que os nossos Amigos acreditem também e, mais dia menos dia: obra feita!

Padre Luiz

Visado pela
Comissão de Censura



Lobito, para cumprimento de uma promessa; 100\$00 + 50\$00 em acção de graças; para compartilhar conosco o pouco que conseguiu na Lotaria, 50\$; pequena lembrança do Lobito, 500\$; mais 500\$00 do Lobito; em vale de correio, 1.500\$, do Lobito; em acção de graças, mais 200\$00 recebidos; de pessoas amigas do Lobito e de Benguela, 500\$00 mais 70\$00; de casal amigo, de Benguela, a importância de 750\$; 120\$00 de Pretória, África do Sul, assinante que se desobriga; 5 notas de conto, de um amigo de Luanda.

Damos graças ao Senhor, por surgirem tantos benfeitores que estimam e acarinham quantos cá existem.

Bem hajam.

Júlio de Sousa

P. S. — Até parece que sou um homem de escritório, eu que nem à máquina sei escrever! Porém, depois do êxito de uma Nota da Redacção com semelhante pedido em favor de Lourenço Marques, sinto-me estimulado a repeti-la em relação a Benguela, agora que de perto observo as «misérias» da máquina que aí há.

Aos Amigos desta zona que tenham uma máquina de escrever a mais, em razoável uso, se lhes pede, pois, que se lembrem de nós. E, já agora, se me permitem, junto outra urgência dos nossos contabilistas: uma máquina de calcular.

Obrigado.

MIRANDA DO CORVO

Após quinze dias de férias na Praia de Mira, embora parte delas estragadas por uma epidemia de trasorelho, que invadiu a maior parte do grupo, regressaram os mais pequenos, partindo logo no fim do almoço os mais velhos. Com o fim das férias abrandou a desordem que reinava cá na Casa, tanto na vida agrícola, como nas oficinas, limpeza, etc.

Durante a estadia dos mais pequenos na praia, eram as limpezas que não tinham quem as fizesse; os jardins e ruas, quem cuidasse deles; e não havia quem apanhasse as batatas, pois um outro grupo de rapazes, uns do campo putros das oficinas, também estão ausentes por terem de andar a construir o Lar.

Depois dos mais pequenos regressarem foram os mais velhos e lá ficaram as oficinas quase paralizadas, e os trabalhos aglomeraram-se tanto na carpintaria como na serralharia.

Desculpem, portanto, os fregueses que se ressentiram da falta dos trabalhos prontos a tempo e horas, mas os rapazes tinham que ter uns dias de descanso para agora se agarrarem com mais afinco ao trabalho, de maneira a satisfazer melhor as vossas necessidades.

Agora que tudo se normalizou, não se esqueçam de enviar mais trabalhos para as nossas oficinas de carpintaria e serralharia, pois os que temos acabando, se não vierem mais, entram novamente os rapazes em letargia, sem saberem o que hão-de fazer.

Na serralharia podeis mandar fazer trabalhos em ferro, cano, aço e rede. Na carpintaria podeis mandar fazer portas, janelas, caixilhos, armários, carros de bois e muitas coisas mais.

Nós não queremos que nos dêes esmolas, mas sim que colaborem conosco dando-nos trabalho para as oficinas, ajudando assim a formar os rapazes, pois a oficina, antes de ser oficina é uma escola, que além de meios, tem um fim principal: a preparação do rapaz para a vida.

Francisco José Henriques

QUEM FEZ ISTO?!...

Encontrámo-nos ao portão. Subimos a avenida. Eramos só os dois.

Caso curioso: na maior parte do trajecto não topámos a alma! Mais curioso, ainda — foram passadas quase em silêncio; mas proveitoso.

Era um sol brilhante, criador. Um céu limpo. E um belo azul celeste. Mais, campos verdejantes. Verdura sem fim. Um panorama deslumbrante!

Como é linda a nossa Aldeia!

Estacámos no alto. Antes da curva, frente à casa 2, Pai Américo admirou primeiro a quinta. Depois, passou a vista pelo casario. Quadro estupeficiente; conjunto magnífico! Mesmo para olhos que a viram nascer e crescer...

Como é linda a nossa Aldeia!

Seguímos.

Entretanto, mudos e quedos novamente, pousa o braço sobre os meus ombros. Franze as sobrancelhas, com seriedade. E exclama, agitando a mão direita em redor — Quem fez isto?!...

Perplexo, quase sorri. E olhos nos olhos, não respondi!

Continuámos a passo lento, — silenciosos. Porém, metros acima, mesmo na curva da casa 2, quedámos outra vez. Então, mais impetuoso ainda, rompe de novo com a pergunta:

— Quem fez isto?!...

Sem demora, apontei a Capela. E balbuciei só uma palavra:

— Olhe...!

— Pronto! Não digas mais. Já dissestes tudo!

Sob o influxo da Graça, sorrimos como duas crianças! E afagou seu braço nos meus ombros. Fomos contentes pró turbilhão da comunidade. Vimos, entretanto, uns à padiola. Outros, de vassoura de giasta, nos terreiros. Deles na cozinha. Mais deles vergados à limpeza do soalho da Casa-Mãe. Subiu as escadas. E desandei prá oficina. Mais um mundo deles. E de trabalho. Os nossos trabalhos!

Homem de Fé — Fé viva e carismada — Pai Américo soube comunicá-la a seus filhos, — paternalmente. Sem rodeios. Sem apologética. Com simplicidade. Com naturalidade.

— Quem fez isto?!...

Júlio Mendes

Cont. da PRIMEIRA página

sempre ao dispor para todos os recados que forem precisos. E se tivesse tempo livre iria ajudar as obras do nosso Lar. Mais uma carta dum dos nossos casais — 250\$ para um saco de cimento — renúncia a uma prenda de exame e 250\$00 fruto de economias, para o nosso Lar.

Os ausentes também começaram a estar presentes, especialmente os militares em serviço no Ultramar. Um pôs à nossa disposição o dinheiro que cá deixou. Outros têm escrito a animar-nos. Vamos ouvi-los: «Rejubilei com o êxito das nossas festas. Pode ser que com o calor delas Coimbra tente levantar-se e cumprir a missão que lhe compete — a construção do Lar». Mais: «Que bom seria que o nosso Lar fôsse motivo de abertura e manifestação dessa gente, que embora se diga nossa, pouco vive e sente a nossa vida». Mais ainda: «Parece que as obras do Lar sobem. Todas as pessoas que me têm escrito falam deste empreendimento. Coimbra parece estar a viver o momento. Eu quero também marcar presença com a



minha participação. E se o não fizer já, fá-lo-ei na altura mais propícia. Mas marcarei presença». E ainda mais: — «Fiquei radiante com as notícias do Lar. Desta vez temos casa».

Temos sentido também calor e força vindos de fora. Eis: «Com muitos cumprimentos, venho informá-lo de que entreguei hoje no Espelho da Moda a importância de 10 contos para a ajuda das obras da nova casa. Não desanime e o Senhor ajudá-lo-á. Seu muito dedicado em Cristo». O Espelho da Moda é no Porto. Mais cinquenta do Porto «para uma telha».

E agora mais presenças de Coimbra: Todos os pregos que forem precisos; 400\$00 «para um saco de cimento» ao recebedor dos subscritores; 50\$ para a «primeira tábuca» e promete continuar; cinquenta e cem de sacerdotes que foram ver as obras; mil de professor muito dedicado aos nossos, que também quis ver; cem dum universitário que foi a nossa casa; vinte para uma pequenina pedra e mais 20\$ para outra.

Dois mil na Praia de Mira de amigo da primeira hora que nos segredou que sem condições de habitação não podíamos formar homens completos. Foi a primeira prestação «para um barrote». Vinte na Praia de Mira para um tijolo.

Agora passo mais pelas ruas e espero o correio com mais ansiedade. Espero sempre por ti.

Padre Horácio

BENGUELA

Amigos leitores:

Em primeiro de tudo os meus sinceros cumprimentos. Em seguida quero dizer-vos que é hoje a primeira vez que escrevo para o famoso e excelente jornal «O Gaiato».

FUTEBOL — Tenho a honra e prazer de participar aos caros amigos leitores, que nós, os Gaiatos de Benguela, encontramos-nos com uma excelente equipa de futebol de 11, mas que também encontramos com falta de equipamentos, botas, bolas de qualquer espécie, etc.

Por isso, peço bastante auxílio vosso, quanto a estes.

Leitores, daqui por algum tempo tencionamos inaugurar o nosso campo, com um grupo de fora, mas sem equipamento em condições, não contém!

Nós mesmos podíamos comprar, mas vejamos só:

1.º — Estamos em construção da nossa futura e querida Aldeia.

2.º — Temos ainda bastantes contas a liquidar.

Se nos quiserem liquidar alguma, muito lhes agradecemos!

3.º — Estamos muito abaixo de finanças.

Caso algum clube tenha uns calções, umas botas, umas bolas que não necessite, muito agradecemos no-los enviar.

Não se esqueçam de nos fazer este obséquio, sim?

Amigos leitores, gratos ficaremos se nos expedirem com a vossa maior delicadeza, como tem sido com outros objectos, a mercadoria pedida.

Aguardando a execução do nosso pedido, e esperando a vossa ajuda, tomo a liberdade de enviar-vos a consideração e estima do treinador do grupo.

«Toy»

Malanje

Chegou o Júlio carregadinho de malas e caixotes e mais um piano e mais um acordeon. Foi um delírio na chegada, pois coincidiu com a partida do António Augusto e do Domingos para a tropa. Houve festa, discursos e o cigarrinho da paz.

Voltando ao carregamento do Júlio, Sr. P.e Carlos já me tinha dito que andava assustado com tamanha rapinagem. Foi ele e são o Fernando e Emília... Eles sentem com intensidade o carinho pela sua Casa. Estão apaixonados pelo seu, que, embora neste local, é a Obra toda.

Aqui eles se vão realizar na dedicação amorosa por tantas crianças que esperam e querem.

x x x

A Maria, mulata, nova e bonita teve um filho... Para o sus-

tento dele arranjou outro homem. E vai no quinto cada um de seu pai! Não é fácil homem para o sustento dos cinco... E a Maria começou a fazer aguardente e sua venda clandestina.

A polícia apanhou-a e foi multada em 2500\$00 ou cadeia. Dinheiro, não tem; cadeia, os filhos não podem ficar sós.

Cabeça da lei na parede... Ela tem que passar.

Abençoado alambique, Maria, que te ajudasse a ganhar a vida...

Os filhos mulatos da Maria vão a correr para a vida... de mãos vazias! Com o coração vazio!

Ou, hoje, mais cinco talheres, cinco camas, cinco carteiras; ou, amanhã, mais cinco armas

para ocuparem aquelas mãos vazias.

x x x

«O Sr., se é meu amigo, não me passe aqui com esta porcária», disse-me o sr. guarda, agarrado à manete da porta da nossa velhinha Bedford. A manete está avariada, travão de mão não tem, buzina também não, os fios do pisca partiram no caminho. Um guarda vê o pisca, outro o travão, outro a buzina. E a velhinha vai passando debaixo da capa de Pai Américo! «Mas ponha-me isso na oficina». E ponho. Compõe-se dum lado e ela manca do outro.

Ela tem sido a obreira infatigável da nossa Aldeia. Fez todas as casas e acarretou de todos os cantos de Angola, tantas coisas!

Deixem passar... acenem com a mão.

Só é pena que o capital que ela realizou, não seja convertível numa nova... tem que vir das tuas sobras — para que a traça as não roia e nem elas sejam motivo de condenação.

E... pois, com respeito pela velhinha, começamos hoje a juntar as tuas migalhas para uma nova.

Padre Telmo



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE